

O neoliberalismo econômico, imposto no final da década de 1980, e cujo manifesto foi feito através do famoso consenso de Washington, representou uma das ideologias mais nefasta e regressiva que os países do Terceiro Mundo conheciam como os denominamos mal. Durante os tempos, devido às profundas repercussões sociais que tivemos que suportar e especialmente no setor da saúde, e todos a favor do redemoinho do capitalismo internacional e, claro, à custa da qualidade de vida de a grande maioria da população. As reformas à saúde e à segurança social na América e na Europa, concretizadas pelas demandas dessa capital especulativa organizada, subjugaram o destino dos países pobres, aumentando sua dependência através da globalização e da abertura econômica.

Essas reformas não devemos esquecer ocorreram no âmbito das reformas impostas e promovidas pelos bancos multilaterais, do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional, e com a grande influência das antigas teorias conservadoras de Ronald Regan e Margaret Thatcher, que se materializou nos Acordos da União Europeia, nos Documentos do G-7 e na Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico, dos quais hoje vários países da América estão imersos e outros, como a Colômbia que pede a trilha para a sua entrada.

Para os Sistemas de Saúde dos países americanos e europeus, a realidade é muito semelhante, com poucas diferenças entre eles. Assim, podemos dizer sem medo de cometer erros que os serviços de saúde passaram de ser um modelo de bem-estar para um modelo empresarial administrado, comercializado, burocratizado, cujos princípios e valores foram perdidos com o paradigma do mercado e a concorrência intransigente.

Foi assim que as empresas dedicadas ao saque de saúde finanças foram geradas. Apareceram os intermediários vorazes que ficaram e ainda conservam os recursos dos mais necessitados. Acrescentado a isso, de forma vertiginosa, como resultado da restrição econômica e financeira, a grande maioria das empresas estatais e públicas de Segurança Social foram falidas e, portanto, o acesso a serviços de saúde foi reduzido, aumentando a negação de serviços e a falta de oportunidade deles.

Consequência deste modelo neoliberal, trabalho no setor da saúde e particularmente na profissão médica foi severamente afetada pelas diferentes formas de insegurança no emprego que estabeleceram os diferentes governos da América e da Europa com o consentimento dos mesmos governos e governos de turno.

Os médicos, os trabalhadores e os profissionais de saúde demonstraram deterioração nas suas condições de trabalho e na prática da medicina como profissão e como ciência, com um impacto claro na ética, qualidade, calor no relacionamento médico-paciente e, em geral, nas condições de vida e de trabalho no setor.

Existem muitas declarações de acordos e pactos que foram apresentados sobre o tema do desenvolvimento e da saúde de nossos povos, a maioria nos permite manifestar-nos com aqueles que retornam aos objetivos de dar nova

vida aos valores da equidade e da justiça social, enquadrado em alcançar que os sacrifícios e os benefícios económicos devem ter como objetivo alcançar o maior bem-estar coletivo da população.

Para o neoliberalismo, quem paga tem acesso a serviços e quem não os sente simplesmente. Para o estado e a indústria, eles não são instituições de caridade e, portanto, não desperdiçam seus recursos em pessoas que sucumbem à malária e à tuberculose ou em países infelizes que não sabem como organizar suas próprias defesas de saúde. Ou seja, os cuidados de saúde para todas as pessoas são bons para as políticas solenes, mas não se enquadra na sociedade de hoje regida por essa lei do mercado inexorável.

Por tudo o que precede, os modelos de saúde atuais sucumbiram à nefasta realidade do modelo neoliberal. Claro, as políticas econômicas não são em si mesmas os patógenos ou vírus que produzem diretamente a doença. Em vez disso, são a "causa das causas" da saúde. A maior tragédia da austeridade não é que tenha danificado nossas economias. A maior tragédia é o sofrimento humano que causou.

Sob o contexto anterior e o sentimento reflexivo e sensível daqueles que hoje participam, devemos ter em mente que todas as organizações médicas de caráter global, continental, regional e nacional, devemos unificar nossa luta para equipar nossos povos do gozo efetivo do direito à saúde considerado como constitucional, fundamental, autônomo e humano.

COLEGAS:

"A coisa mais preciosa que o homem tem é a vida. É concedido apenas uma vez, e você tem que viver de uma maneira que não sente uma dor torturante por anos passados em vão, de modo que não queime a vergonha do vil e mesquinho ontem e que, quando você morrer, você pode exclamar: Todos a vida e todas as forças foram dadas aos mais belos do mundo, à luta pelo progresso da humanidade".

DECLARAÇÃO CONFEMEL-FIEM